

# O TRABALHO ARTESANAL NÃO ASSALARIADO NO CAPITALISMO E A SAÚDE DE ARTESÃS DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE: NÃO SEI SE CONSIGO SEPARAR QUEM SOU DO QUE FAÇO

**Palavras-chave:** Trabalho artesanal. Trabalho não assalariado. Saúde da trabalhadora. Cotidiano.

## apresentação

A artesanaria é um dos trabalhos mais antigos da história da humanidade (SENNETT, 2013; LIMA, 2012), que acentua-se por sua importância social, cultural e econômica (KELLER, 2014). Milhares de trabalhadores artesanais estão fora do modelo tradicional de assalariamento e encontram no trabalho informal um meio para sobrevivência. O processo de precarização do trabalho expõe os artesãos e artesãs à diversas consequências, tais como: a precariedade nas condições de trabalho, a desregulamentação de direitos trabalhistas e a desproteção social. Pesquisas indicam que o trabalho artesanal é predominantemente exercido por mulheres (BORGES, 2011; KELLER, 2014; SCRASE, 2003; DIEESE, 2017; IPEA, 2018). As artesãs ainda sofrem implicações relativas à divisão sexual do trabalho, como a dupla jornada feminina e remunerações mais baixas. Apesar do grande contingente de trabalhadores artesanais, há uma “relativa carência de informações sobre a atividade artesanal no Brasil e de seu real impacto cultural e econômico” (KELLER, 2014). Salienta-se que o trabalho não assalariado é um tema pouco explorado no meio acadêmico e que não foram encontrados estudos científicos nacionais sobre a saúde das artesãs brasileiras não assalariadas. Portanto, esta pesquisa investiga a relação entre o trabalho artesanal não assalariado no capitalismo e a saúde das trabalhadoras artesãs.

## objetivo geral

Investigar as percepções de artesãs não assalariadas sobre o cotidiano de trabalho, a fim de identificar de que modo ele incide sobre a saúde dessas trabalhadoras.

## referencial teórico

TRABALHO	TRABALHO NÃO ASSALARIADO	TRABALHO ARTESANAL	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	SAÚDE DA TRABALHADORA	COTIDIANO
MARX (2017)	MARX (2017)	MARX (2017)	MARX (2017)	THÉBAUD-MONY (2000)	KOSIK (1976)
ALVES (2007, 2013)	IDALINO (2014)	SENNETT (2013)	FEDERICI (2019, 2017)	MENDES (2018)	LEFEBVRE (1991)
ANTUNES (2015, 2009)	RIBEIRO (2005)	CANCLINI (1983)	NOGUEIRA (2006, 2004)	MENDES; WUNSCH, (2011)	CARVALHO, NETTO (2005)
	MALAGUTI (2000)	SCRASE (2003)	SCHWARZ; THOMÉ (2017)	LOURENÇO (2016)	
		LIMA (2012)	SCOTT (1994)	LACAZ (2007)	
		KELLER (2014)	CORREIA; BIONDI (2011)	AQUINO <i>et. al.</i> (1995)	
		BORGES (2011)	SELIGMANN (2011)		

## metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, caráter exploratório e não probabilístico. A metodologia buscou uma aproximação com o cotidiano de cinco trabalhadoras da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, a fim de compreender as percepções das artesãs quanto à incidência do trabalho artesanal não assalariado sobre sua saúde. Para tanto contou com dois tipos de técnicas — registro fotográfico documental e entrevista semiestruturada — tanto para coleta quanto para análise dos dados. O estudo foi orientado pelo materialismo histórico dialético e os aspectos éticos da pesquisa foram atendidos em todas as etapas do processo investigativo, conforme os termos de autorização.

## resultados

### perfil das participantes



Os resultados deste estudo evidenciam a dupla jornada das artesãs, o trabalho como determinante do tempo de vida, bem como, a inexistência de fronteiras entre artesanaria, família e demais atividades. Além disso, identificou-se que o cotidiano de trabalho artesanal e reprodutivo gera desgaste físico e mental para as trabalhadoras. Em contrapartida, as contradições observadas revelam que o sentido do trabalho é um fator fundamental para a manutenção da saúde das artesãs.

### Quadro 01 - Sistematização dos resultados

Percepções sobre o trabalho artesanal	Jornada de trabalho artesanal	Jornada de trabalho reprodutivo	Tempo livre	Organização da rotina	Preço da mercadoria	Remuneração	Saúde
necessidade econômica	o tempo é determinado pelo trabalho			cotidiano de ritmo contínuo e repetitivo	dificuldade em cobrar o valor real	pagamento por peça ou venda	desgaste físico e mental
realização pessoal	variação da extensão	dupla jornada	não há fronteiras entre tempo livre e de trabalho	entrelaçamento das diversas esferas da vida	quanto maior a produção, mais extensa será a JT e menor o valor da FT	independente da condição salarial, há exploração da FT	
"vida" "remédio" "terapia" "equilíbrio" "processo de cura"	criação, produção, divulgação e venda						sentido do trabalho como proteção da saúde

Legenda: JT - jornada de trabalho; FT - força de trabalho.



“Eu fico pensando, até que ponto meu trabalho não é um privilégio. Porque se não trabalho, eu adoço. Para mim faz muito sentido fazer o que faço, no mínimo para minha saúde” (GENIFER, 2019).



“O trabalho é meio que tudo, é minha vida. Não sei se consigo separar quem sou do que faço. Não é ‘agora vou pegar e trabalhar’. Não é separado. É quase uma necessidade. Meu ofício é um desabafo de tudo que penso e sinto” (ISADORA, 2019).

## referências

- BORGES, Adélia. Design + Artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- DIEESE. A comercialização na economia solidária em empreendimentos urbanos de produção artesanal lideradas por mulheres./ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo: DIEESE, 2017.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. Mercado de trabalho: conjuntura e análise. Nº 65 - ANO 24 | OUTUBRO 2018. – v.1, n.0, (mar.1996).- Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho, 1996.
- KELLER, Paulo F. Universidade Federal do Maranhão. Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia – GT 034: Etnografias do capitalismo. Natal/RN, 2014.
- LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. Revista Pós-Ciências Sociais. V. 8; N. 15; Jan./Jun. 2012.
- SCRASE, T. J. Precarious production: globalization and artisan labor in the third world. Third World Quarterly. V. 24; N. 3; pp.449-461; 2003.
- SENNETT, Richard. O Artífice. Tradução de Clóvis Marques - 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

## autoras

ANABOR, Shirlene. E-mail:shiranabor@gmail.com  
WÜNSCH, Dolores Sanches. Email:dolores.sanches@ufgrs.br

